

O OBSERVATÓRIO DA CULTURA DIGITAL: A NOVA LINHA DE PESQUISA DA ESCOLA DO FUTURO DA USP

São Paulo, maio/2010

Brasilina Passarelli

Professora Titular da Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo
Coordenadora Científica do Núcleo de Pesquisa de Novas Tecnologias da Comunicação
Aplicadas à Educação – Escola do Futuro - USP
lina@futuro.usp.br
Tel.: (011) 3091-6325

Daisy Grisolia

Pesquisadora do NAP Escola do Futuro - USP
daisy.grisolia@gmail.com
Tel.: (011) 3091-6325

Mariana Tavernari

Pesquisadora do NAP Escola do Futuro - USP
mtavernari@futuro.usp.br
Tel.: (011) 3091-6325

Classe 2 – Relatos de Experiência Inovadora

Categoria A - Pesquisa e Avaliação

Setor Educacional 3 - Educação Universitária

Natureza do Trabalho A - Relatório de Pesquisa

Resumo: *Este relato de pesquisa descreve as atividades realizadas pelo Observatório da Cultura Digital, linha de pesquisa do NAP Escola do Futuro/USP criada em 2008 com a finalidade de gerar inovação no campo da epistemologia sobre as redes. Expõe a perspectiva metodológica da etnografia virtual de abordagem qualitativa que fundamenta os estudos realizados pelo Observatório de Cultura Digital, destinado a explorar perfis, investigar comportamentos na sociedade em rede e pesquisar níveis de literacia informacional entre os usuários. Relata as publicações científicas desenvolvidas (teses e dissertações, livros e artigos em periódicos científicos indexados de caráter nacional e internacional) bem como os convênios com instituições de pesquisa nacionais e internacionais.*

Palavras-chave: *etnografia virtual; redes sociais; educomunicação*

1 – A pesquisa no NAP Escola do Futuro/USP

As transformações operadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) na sociedade do conhecimento, em especial pelas redes sociais na internet, exigem a compreensão do universo midiático e das formas de aprendizagem em um contexto complexo e interativo. A necessidade de novos enfoques dos estudos sobre os impactos das tecnologias nas áreas da Comunicação, Educação e Informação surgem em um momento em que a vida em rede na sociedade contemporânea traz inúmeras consequências para a produção cultural e para a educação, caracterizadas por hábitos de interação e pelo uso das ferramentas comunicativas.

No contexto dessas transformações ao longo dos últimos vinte anos, o Núcleo de Pesquisa das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação Escola do Futuro/USP inaugurou suas atividades em 1989, sob a coordenação científica do Prof. Titular Fredric M. Litto, professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Sua primeira condição foi como laboratório departamental com a denominação “Laboratório de Tecnologias de Comunicação” do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes. A partir de janeiro de 1993 instituiu-se como um Núcleo de Apoio à Pesquisa, subordinado à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade e passando a intitular-se Núcleo das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação NAP Escola do Futuro/USP. Desde sua inauguração, esteve pautado pelo desenvolvimento de um modelo de parceria entre a universidade, a sociedade e diferentes agências e esferas de governo, todos comprometidos com o aperfeiçoamento da educação no Brasil.

Com seus projetos e pesquisas, o NAP Escola do Futuro/USP almejava explorar e implementar propostas inovadoras que, ao utilizar recursos como a Internet e a multimídia, contribuíssem para a potencialização do ensino e da aprendizagem. Para tanto, sua atuação era orientada a partir de princípios como o compromisso com a pesquisa; a avaliação de diferentes estratégias educacionais e a compatibilização da pesquisa acadêmica com a prática da sala de aula por meio da disseminação de suas metodologias.

Em setembro de 2006, a coordenação científica do Núcleo de Pesquisa das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação passou a ser exercida pela professora titular Brasilina Passarelli, do

Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP, cuja gestão privilegia o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a sociedade do conhecimento e seus impactos nas áreas da comunicação, educação e informação para iluminar os novos contornos da “sociedade em rede”. Atualmente, contando com mais de cem pesquisadores, desenvolvemos projetos de intervenção (pesquisa-ação) bem como pesquisas teóricas que tem como objeto de estudo a literacia informacional e a produção individual e coletiva do conhecimento em ambientes web; a reflexão acerca das novas formas de autoria invadidas pelos coletivos digitais e pelo movimento dos “atores em rede” na interseção das fronteiras híbridas que constituem a “pele da cultura”, conceitos preconizados por autores como De Kerckhove, Castells e Latour¹. Tais pesquisas utilizam a etnografia virtual² como metodologia para investigar os movimentos dos atores inseridos na cultura digital.

Dentre os projetos de pesquisa-ação desenvolvidos recentemente destacam-se: o programa ACESSA SP³, em parceria com o governo do estado de São Paulo, com cerca de 595 telecentros no estado; 45,5 milhões de atendimentos e 1,9 milhão de usuários cadastrados; [o programa TONOMUNDO](#), desenvolvido por nove anos, em parceria com o Instituto OiFuturo (ex-Telemar), que constitui um ambiente virtual dedicado à inclusão digital de alunos e professores de escolas públicas em comunidades de baixo índice de desenvolvimento humano (IDH) de até 10 mil habitantes no norte e nordeste brasileiros; com o apoio da Fapesp, foi desenvolvido um projeto contínuo de pesquisa acerca da infraestrutura das universidades brasileiras em tecnologia da informação, intitulado Campus Computing Report.

2 - O Observatório da Cultura Digital

No contexto da nova gestão do NAP Escola do Futuro/USP e com a finalidade de gerar inovação no campo da epistemologia sobre as redes e sua propagação cultural, o NAP Escola do Futuro/USP instituiu em 2008 a linha de pesquisa intitulada Observatório da Cultura Digital, abrigando dissertações de

1 Derrick De Kerckhove, A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade electrónica (Lisboa: Relógio D'água, 1997) Manuel Castells, A sociedade em rede (São Paulo: Paz e Terra, 1996); e Bruno Latour, Jamais fomos modernos (São Paulo: Editora 34, 2008).

2 Christine Hine, Virtual Ethnography (London: Sage, 2000)

3 Ver <http://www.acesasp.sp.gov.br>

mestrado, teses de doutorado, livre-docência e projetos de pós-doutorado, bem como a publicação de artigos em revistas científicas indexadas nacional e internacionalmente. Também se insere nesse contexto a produção de livros e coletâneas sobre a cultura digital. Com a finalidade de tornar público esse conhecimento gerado coletivamente, o Observatório da Cultura Digital pretende dar continuidade e aprimorar o desenvolvimento das pesquisas sobre temas que envolvam o comportamento e atitudes em comunidades virtuais e redes sociais. As pesquisas desenvolvidas nesse contexto destinam-se a compreender o mundo das novas tecnologias de comunicação marcado pela interatividade e pela colaboração, características que reconfiguram os modos de aprender e ensinar na contemporaneidade. A vida em rede trouxe inúmeras consequências para a produção cultural e para a educação, caracterizadas por hábitos de interação e pelo uso das ferramentas comunicativas, transformando também os métodos e técnicas de pesquisa em comunicação e educação. A cada ano, as pesquisas provenientes desses dois campos convergem para compreender o processo pelo qual alunos e professores vivenciam ações mais autônomas e ao mesmo tempo mais colaborativas por meio das mídias, e principalmente, por meio das redes sociais na internet.

2.1 - Etnografia Virtual

Vários dos projetos de intervenção do NAP Escola do Futuro/USP possuem longevidade de mais de nove anos ininterruptos, o que nos credencia a desenvolver estudos de caráter longitudinal bem como pesquisas qualitativas de metodologia etnográfica, tendo como objeto de estudos os projetos de pesquisa-ação implementados, ajudando a iluminar e apontar tendências da internet.

A etnografia vem sendo utilizada como metodologia de estudo em campos do conhecimento diferentes da antropologia e desponta como uma tendência de pesquisa em redes sociais em um momento desafiador para os estudos do ciberespaço. Denominada também de etnografia digital e netnografia⁴, a etnografia virtual tem se popularizado na publicidade e no marketing, fornecendo ferramentas também para o estudo de comportamentos

4 Robert Kozinets, Netnography: Doing Ethnographic Research Online (Sage, 2010)

e atitudes dos atores da sociedade em rede. Atualmente, as redes sociais são cada vez mais amplas, complexas e estruturadas, fazendo da etnografia virtual uma ferramenta poderosa para obter informações sobre seus usuários e captar perfis de navegação na web.

Em seus fundamentos, a dupla tarefa da etnografia é a descoberta das estruturas de conceituais onde se inscrevem os atos singulares dos sujeitos observados e a construção de um sistema de análise em cujos termos diferenciam-se os elementos genéricos dessas estruturas de outros determinantes do comportamento humano (GEERTZ, 1978, p. 7). O ato que entrelaça essas duas instâncias do trabalho etnográfico é a interpretação, simultaneamente inscrição e especificação, singularização e generalização. O grande desafio que se apresenta ao etnógrafo, deste modo, é o de manter-se em uma posição crítica diante das relações supostamente lógicas entre significantes e significados. Esta estratégia metodológica permite que a influência do observador nas situações observadas seja levada em consideração, descartando deste modo a ideia da neutralidade do pesquisador, uma vez que seu olhar carrega uma série de pressupostos que terão influência na sua percepção.

Os métodos antropológicos são amplamente empregados em pesquisas que buscam observar, analisar e interpretar a cultura do ciber, uma cultura que se desenvolve em torno da participação e do coletivo. As pesquisas desenvolvidas nessa linha utilizam-se de método etnográfico englobando diferentes técnicas de coletas de dados como observação participante, entrevistas qualitativas, e análises dos artefatos culturais para dar sentido a essas práticas culturais.

A partir de meados do século vinte, a etnografia passa a contribuir no delineamento de métodos de pesquisa de objetos que não se enquadram em sua proposta original, isto é, as culturas não ocidentais. Ocorre então a transposição do método etnográfico para outras áreas do conhecimento como, por exemplo, o campo da educação. Não obstante compartilhem o mesmo método, o foco de interesse dos etnógrafos consiste na descrição de tais culturas, ao passo que a preocupação dos pesquisadores em educação relaciona-se com o processo educativo.

Ainda descrita como “um relato descritivo das práticas culturais

baseado em dados obtidos por meio da pesquisa etnográfica de campo e relacionado a outros referenciais teóricos” (BOYD, 2008: p46), a ampliação da abrangência do método etnográfico para o estudo de uma cultura baseada na interconexão generalizada, em conjunto com outros fatores, acaba por provocar uma revisão nas bases epistemológicas da etnografia. Reformulação acompanhada, portanto, da adaptação dos métodos e técnicas etnográficas com a finalidade de fundamentar estudos realizados em ambientes virtuais suscitando a necessidade de novas propostas metodológicas para investigação da cultura produzida pelos usuários na Internet. Se, inicialmente, as propostas etnográficas em torno da vida cultural mediada por computador abordavam a experimentação da identidade e da liberdade corporal, nos moldes do estudo de Sherry Turkle⁵, de 1995, a respeito da influência da comunicação mediada por computador nas relações humanas, os questionamentos metodológicos que se colocam a frente aos pesquisadores deslocam o foco dos estudos etnográficos para estudos ligados à diversidade de uma cultura digital e remodelam os conceitos nos quais apoia-se a etnografia.

Estudos etnográficos têm sido aplicados em pesquisas que tratam do tema envolvendo comunidades virtuais desde 1995, conforme Braga (2007) e Rocha e Montardo (2005). Tais metodologias englobam listas de discussões e análise de ambientes virtuais, investigando também os movimentos dos usuários no ciberespaço, registrados pelos servidores e ferramentas de estatísticas de audiência.

O hipertexto digital, a interatividade, a interface multimídia, propriedades únicas dos ambientes virtuais, exigem métodos e técnicas de coletas de dados capazes de capturar e registrar o movimento e a potência das relações e ações comunicativas em rede. Estudos etnográficos originários da antropologia têm sido essenciais para elucidar esse momento de transição, o que sugere a adaptação do método etnográfico para propósitos estratégicos de pesquisas exploratórias com usuários da internet, buscando explicitar as interações entre as pessoas e, como consequência, a aprendizagem, frutos de hábitos e usos das ferramentas de redes sociais na internet.

O crescimento das interações em rede colocam em pauta a

5 Sherry Turkle. Vida no ecrã: a identidade na era da Internet. Tradução: Paulo Faria. Lisboa: Editora Relógio d'Água, 1995. (Coleção A Sociedade Digital).

necessidade de pesquisas de campo capazes de captar crenças e desejos dos usuários, ao mesmo tempo em que reformulam as fronteiras de ação do pesquisador, propondo maior engajamento em ambientes virtuais e em interações reais. As novas tecnologias propõem um desafio para a etnografia recolocando o conceito de campo de pesquisa ou lugar de interação. Trata-se de lidar com nichos culturais de diferentes grupos que ocupam espaços informacionais diversos.

Hine (2001) sugere que o conhecimento na forma como é construído na Internet pode ser tratado tanto como um espaço, com suas normas e práticas que devem ser estudadas separadamente do mundo não mediado, como um artefato cultural, no qual a Internet existe dentro de um contexto de vida da sociedade, artefato intrinsecamente ligado à aplicação da etnografia como metodologia de pesquisa. As pesquisas desenvolvidas pelo Observatório da Cultura Digital compreendem a Internet tanto como um espaço onde a cultura do ciber é formada e reconstruída, implicando em um campo de estudos no qual o pesquisador deve submergir, quanto como um produto da cultura.

A etnografia virtual deve observar com detalhes as formas experimentadas no uso da tecnologia, bem como os sentidos construídos em torno dessas formas culturais. Consiste na submersão do investigador no mundo em que estuda por um tempo determinado, tomando nota das relações, atividades e significações que se criam entre aqueles que participam dos processos sociais desse mundo. Busca compreender como se constitui a internet, em seus usos localizados cotidianos buscando as relações espaço-temporais advindas de seu uso.

2.2 - Literacia Informacional

As ações do Observatório da Cultura Digital acompanham, em posição de vanguarda, os movimentos da história da internet no país. Enquanto a primeira onda referia-se às ações direcionadas ao *digital divide*, que buscavam popularizar o acesso à rede, a segunda (atual) é resultado do fenômeno das redes sociais. Se, a princípio, a intervenção sobre o acesso às ferramentas tecnológicas constituía um dos objetivos principais do NAP Escola do Futuro/USP, dezenove anos após seu surgimento, as pesquisas desenvolvidas visam, entre outros objetivos, compreender a relação entre o lúdico, o interativo

e as formas e ensinar e aprender em rede para promover o aperfeiçoamento das competências informacionais.

De acordo com Warschauer (2003: 06), a questão da inclusão digital ultrapassa a divisão binária entre ter ou não contato regular com as ferramentas tecnológicas, pois inclui também o acesso a outros elementos que favorecem o seu aproveitamento de forma benéfica. O sentido do termo “*digital divide*” deixa de lado, portanto, outros recursos não menos importantes, como o acesso ao conteúdo, a linguagem, a educação, a literacia, e outros recursos sociais. A literacia da informação é um pré-requisito para a aprendizagem ao longo da vida e é comum a todas as disciplinas, a todos os ambientes de aprendizagem, e para todos os níveis de ensino. Ela permite que aos alunos participem de forma crítica do processo educativo, assumindo um maior controle sobre sua própria aprendizagem. Engloba o conhecimento das necessidades dos atores em torno da informação, bem como a capacidade de identificar, localizar, avaliar, organizar e efetivamente criar, usar e transmitir informações para solucionar questões e problemas.⁶

3 – Publicações Científicas

No contexto da produção científica do NAP Escola do Futuro podem ser citadas as teses e dissertações orientadas pela coordenadora científica do NAP Escola do Futuro/USP e Professora Titular da Escola de Comunicações e Artes da USP, Brasilina Passarelli, institucionalmente vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da mesma universidade. Tais pesquisas de mestrado e doutorado têm como objeto de estudo os projetos de intervenção desenvolvidos pelo NAP Escola do Futuro/USP, podendo ser citadas: “Estudo etnográfico de perfis em comunidades virtuais: um estudo de caso no Programa ACESSA São Paulo”, de Ligia Capobianco, dissertação defendida em 2010; “Critérios de Reputação em Coletivos Digitais: estudo de caso na disciplina de criando comunidades virtuais de aprendizagem e de prática”, por Claudia Pontes Freire, dissertação defendida em 2009; “Comunicação Digital e a Inovação Tecnológica: como a

6 “Information literacy encompasses knowledge of one’s information concerns and needs, and the ability to identify, locate, evaluate, organize and effectively create, use and communicate information to address issues and problems at hand” (The Prague declaration: “Towards an information literate society”, 2003).

comunicação digital de boletins on-line estimula comunidades virtuais de ciências exatas para a participação nos processos de inovação” por Rui Santo, dissertação defendida em 2009; “Comunicação, educação e inclusão digital: quem “tá ligado” na escola estadual paulista? Uma análise da interatividade no projeto TôLigado: o jornal interativo da sua escola” de Cristina Álvares Beskow dissertação defendida em 2008 e “Capital Social em Comunidades Virtuais” por Anita Vera Bliska, defendida em 2007.

Ressaltando a importância de divulgar e tornar público o conhecimento produzido nas pesquisas desenvolvidas, foi realizada uma parceria com a Editora Senac para a publicação de teses e dissertações e coletâneas sobre a cultura digital. Nesse contexto, já foram publicados: “Interfaces Digitais na Educação: @lucin[ações] Consentidas, em 2007, tese de livre-docência da Coordenadora Científica do NAP Escola do Futuro/USP, Profa. Dra. Brasilina Passarelli; “Inclusão Digital e Empregabilidade”, em 2009, desenvolvido a partir de pesquisas realizadas no contexto do programa ACESSA-SP; “Educação sem Distância”, em 2010, por Romero Tori, membro do Conselho Deliberativo do NAP Escola do Futuro/USP. Ainda em 2010 estão previstas as publicações de “Linkania: uma teoria de redes” e “Web e Participação: democracia do século XXI”, resultados das dissertações de mestrado de Hernani Dimantas e Drica Guzzi, coordenadores de projeto do programa ACESSA-SP. Nesse mesmo ano também deve ser lançada uma coletânea binacional entre o NAP Escola do Futuro e o Cetac.media (Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação), da Universidade do Porto, abordando conceitos como comunidades virtuais e redes sociais.

Em periódicos internacionais indexados podem ser citadas as seguintes publicações mais recentes: “Social Networking as Social and Cultural Reconfiguration: a Case Study of ACESSA-SP” por Brasilina Passarelli e Juliana Moreno (Proceedings of the 12th IASTED International Conference on Computers and Advanced Technology in Education, 2009. v. 1); “Etnografia virtual em redes sociais de escolas públicas do norte e nordeste brasileiros: o Programa Tonomundo”, por Brasilina Passarelli e Mariana Tavernari na revista PRISMA.com (v. 9, p. 07, 2009);

Em periódicos nacionais indexados, podem ser citados os seguintes artigos: “Atores em Rede: subjetividades e desejos em expansão” por Brasilina

Passarelli e Juliana Moreno para a revista Logos (Rio de Janeiro: v. 16, p. 30, 2009); “O Bibliotecário 2.0 e a Emergência de Novos Perfis Profissionais”, por Brasilina Passarelli na revista Datagramazero (Rio de Janeiro, v. 10, p. 01, 2009).

4 - Convênios

Considerando a inserção institucional do NAP Escola do Futuro/USP dentro de uma das mais prestigiadas universidades brasileiras, o estabelecimento de convênios com demais núcleos de pesquisa em comunicação e ciência da informação no país e no exterior, bem como a execução de parcerias que permitam a publicação de todo o material de pesquisa arregimentado são consideradas prioridades no Observatório da Cultura Digital. Até 2010 já foram firmados os seguintes convênios nacionais e internacionais: Universidade do Porto – Instituto CETAC.media, Universidade Carlos III de Madrid/ES – Instituto Agustín Millares, Universidade de Londres - ICT4D Collective, FURB - Universidade Regional de Blumenau e UFAL – Universidade Federal de Alagoas.

5 - Considerações Finais

Os estudos etnográficos desenvolvidos pelo Observatório da Cultura Digital buscam estabelecer uma relação entre as novas formas de aprendizagem em rede e o comportamento dos usuários de Internet no Brasil, principalmente a geração que já nasceu interagindo com as novas ferramentas de comunicação. Os questionamentos teóricos e metodológicos propostos pela etnografia virtual norteiam as pesquisas desenvolvidas pelo Observatório da Cultura Digital do NAP Escola do Futuro, fomentando uma visão crítica do laboratório frente às reconfigurações das plataformas sociais e culturais na cibercultura e favorecendo a retroalimentação entre projetos de intervenção e pesquisas científicas.

O Observatório da Cultura Digital constitui, portanto, importante linha de pesquisa do NAP Escola do Futuro/USP, dada a relevância da articulação entre seus projetos de pesquisa-ação e as pesquisas teóricas desenvolvidas a respeito da cultura digital, fato comprovado tanto pelas publicações científicas nacionais e internacionais relacionadas quanto pelos convênios com

instituições parceiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOYD, D. (2008). Taken out of context: American teen sociality in networked publics. PhD Dissertation, University of California-Berkeley. http://www.zephorio.org/thoughts/archives/2009/01/18/taken_out_of_co.html (acessado em 15-01-2009).

BRAGA, Adriana. Usos e consumo de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. XVI Encontro da Compós. Curitiba: PR, 2007.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede; (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DE KERCKHOVE, Derrick. A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HINE, C. The virtual ethnography. London: Sage, 2000.

_____. Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge. In: HINE, Christine (Org.) Virtual methods: issues in social research on the internet. New York: Berg Publishers, 2005. p. 1-17.

KOZINETS, Robert, Netnography: Doing Ethnographic Research Online. Sage, 2010

LATOUR, Bruno. Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory. New York: Oxford University Press, 2005.

_____. Jamais fomos modernos. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 4ª ed. São Paulo: Editora 34, 2007.

PASSARELLI, Brasilina. Interfaces digitais na educação: @lucinações consentidas. São Paulo: Editora da Escola do Futuro da USP, 2007.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. Revista Compós, p. 1-22, dez. 2005.

TURKLE, Sherry. Vida no ecrã: a identidade na era da Internet. Tradução: Paulo Faria. Lisboa: Editora Relógio d'Água, 1995.

WARSCHAUER, Mark. Technology and social inclusion: rethinking the digital divide. Massachusetts: MIT Press, 2003.

